

Entrevista a José Oliveira Jool: “Se soubesse o que era a verdade não fotografava”



Não sei onde está a verdade e quando penso logo desisto! Auto-retrato

Arquitecto de formação e fotógrafo autodidacta, José Oliveira Jool tem refinado ao longo dos anos o seu olho para as formas e ângulos dos lugares e dos corpos. A sua obra foi objecto de inúmeras exposições não só em Portugal como fora de portas, sobretudo em Paris, cidade onde viveu, exilado, de 1969 a 1972 (regressado a Portugal é preso em Caxias até ao dia da Revolução de Abril). A sua mais recente série fotográfica, intitulada *Le Corps D'illusion*, distribui-se em cinco exposições: no Porto (Fundação Escultor José Rodrigues e UNICEP), em Lisboa (Sociedade Nacional de Belas Artes e, de 4 a 28 de Abril, na Escola Superior de Teatro e Cinema) e Vila Nova de Cerveira (última parte, que é previsto ter lugar na Fundação Bienal de Cerveira).

Olha para um conjunto de fotografias suas e parece-me haver uma forte recorrência de uma relação: o corpo com o espaço. O seu blogue tem um nome que é, neste aspecto, todo um programa, *urbanismos, urbanisnus*. Podia explicar este conceito?

O conceito “urbanismos urbanisnus” foi inventado para o meu blogue, que está por desenvolver, por um amigo e escultor recentemente falecido: José Rodrigues. E foi na sua “Fundação José Rodrigues” que iniciei esta série de nus carnais que não terá fim como objecto de pesquisa.

A associação dos conceitos deve-se ao facto de eu ter sido um dos líderes ambientalistas na luta contra a construção no Parque da Cidade no Porto, num momento em que exibia uma exposição de nu com esculturas gregas e romanas do Louvre. (Essa luta do Parque foi essencialmente despoletada pela tomada de consciência que dois artigos meus, no jornal Público, em que de forma iconoclasta ataquei as posições do arq. Siza Vieira em apoio do arq Souto Moura, autor de projectos de construção para esse parque.)

A intenção de construção foi derrotada e o Parque salvou-se de ser enclausurado por edifícios de 5 pisos em seu redor, incluindo a frente de mar.

Foi uma ideia simples e aparentemente directa. Acontece que fotografo áreas muito diferentes, como flora, rochas, escultura, corpos, de uma forma muito experimental, à procura de ser surpreendido! A ideia subjacente que se foi mostrando a mim próprio com o andamento das experiências é a de encontrar a poética da pele do “universo”!

Como se o erotismo fizesse parte, fosse intrínseco à relação da matéria sob que forma se apresenta!



Os 3 grandes fotógrafos! A minha fotografia, em cima à esquerda, analógica dos anos 80 em revisão digital...

A sua série *Le Corps D'illusion* propõe, aos meus olhos, a ideia do corpo como paisagem e como arquitectura. Pela sua câmara parece que ele, o corpo, consegue dizer sempre, a cada imagem, que “é mais que apenas um corpo”, que pode ser paisagem de formas e ângulos, abstracção que acolhe múltiplas ideias de lugar. Sente que a fotografia tem – precisa de ter – este poder revelador?

A pergunta contém o essencial da resposta. Essa verdade continua com a flora, as rochas, a arquitectura, etc, etc.

Mas não me ando a mimetizar a mim próprio. Exploro outras vertentes menos subjectivas, abstratas ou poéticas da fotografia. Uso talvez alguns heterónimos ainda sem nome para fazer diferentes experiências.



O baile



Desconstrução



Evidências vegetais

São várias as imagens que produzem ecos, sombras, *mimesis* dentro de si. A mão perto da boca que está na modelo e está na fotografia do livro que esta mostra para a câmara. Noutra imagem uma mão duplica-se na sombra projectada sobre o ventre de um corpo de mulher – noutra acontece o mesmo sobre o rosto. É importante para si a fotografia falar sobre... fotografia, isto é, *refazer-se*?

A fotografia que refere com mãos e livros representam uma homenagem, não intencional a dois fotógrafos, entre muitos outros, que me surpreenderam mais: Man Ray e Ralph Gibson. De maneira diferente em épocas diferentes.

Na imagem do nu no meio de livros com três fotografias visíveis, estão dois livros, um com a fotografia “A Oração” do Ray, outro com outra fotografia “O Pavilhão Chinês” do Gibson. E uma fotografia analógica minha, pousada num dos livros, com uma imagem referente às primeiras duas. É um “convívio”, abusivo pela minha parte, entre 3 grandes fotógrafos!

A mão em sombra sobre o corpo corresponde a um exercício baseado na desconstrução do “corpo” fotografado. Pode ter várias cargas simbólicas!



Mãos



Mãos



Evidências

Frank Eugene, Edward Weston, Edmund Teske, Robert Mapplethorpe, Helmut Newton e Man Ray. A história do nu em fotografia – e em arte – é longa e fecunda. Como encontrar um lugar entre “os gigantes”?

Acho que já encontrei, sem pretensiosismos, mas na minha rua!

Há muitos outros fotógrafos e imagens que se misturam na minha mente e que me orientam o olhar de forma absolutamente inconsciente. Às vezes surpreendo-me com referências que se tornam para mim evidentes, muito tempo depois de ter fotografado!

Não me perguntou porque fotografo nem onde.

Se o tivesse feito diria que se soubesse o que era a verdade não fotografava e que viajo pelo mundo inteiro sem sair da minha rua!

[Luís Mendonça](#), 13 de Junho de 2017

Disponível na Internet:

- <https://www.ipflinhadotempo.pt/pdf/2017-entrevistajoseoliveirajool.pdf>